



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

<http://dx.doi.org/10.22351/et.v59i1.3617>

CRISTIANISMO E VIOLÊNCIA. CONTRIBUIÇÕES TEOLÓGICAS A PARTIR DE RENÉ GIRARD¹

*Christianity and violence.
Theological contributions from René Girard*

Ellton Luis Sbardella²
Clélia Peretti³

Resumo: O presente artigo discute três tópicos específicos do pensamento de René Girard, a saber: teoria mimética e desejo; Sagrada Escritura e as vítimas da violência; vocação cristã e denúncia da violência. Para isso, definimos como objeto de investigação Cristianismo e violência, a partir da teoria sobre o mecanismo da vítima expiatória, proposta nos livros *Mentira Romântica* e *Verdade Romanesca*, e também *A Violência e o Sagrado*, desenvolvida nos livros *Coisas ocultas desde a Fundação do Mundo* e *Eu via Satanás caindo como um relâmpago*. A metodologia consistiu no exame das obras, a fim de identificar questões centrais, definição e articulação dos conceitos propostos, a hipótese, sua demonstração e as críticas tecidas pelo autor. Girard apreende a violência humana como elemento desagregador da vida em sociedade, a qual exige mecanismos de controle inseridos no âmbito do sagrado e da religião. A teoria desse autor oferece uma contribuição para o debate pós-secular sobre a religião. Ele inaugura novas discussões entre a teologia e as ciências sociais e humanas, dando uma nova clareza às questões referentes ao embasamento antropológico da teologia. Propõe uma abordagem nova à doutrina da expiação e oferece interpretações significativas de textos bíblicos centrais. Considera a Bíblia peculiar, no tocante ao tratamento das vítimas da violência, pois se diferencia das narrativas míticas. Nas Escrituras, a violência e o sacrifício não são absolutos, e não vêm de Deus; os seres humanos atribuem a Ele. A vocação cristã é a preocupação com as vítimas das violências e a defesa delas, assim como Jesus fez.

Palavras-chave: Cristianismo. Violência. Teoria Mimética. René Girard.

¹ O artigo foi recebido em 18 de março de 2019 e aprovado em 28 de maio de 2019 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. O presente artigo foi realizado com apoio da bolsa CAPES [This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES)].

² Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba/PR. Contato: elltonsbardella@gmail.com

³ Doutora em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo/RS. Professora adjunta na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba/PR. Contato: cpkperetti@gmail.com

Abstract: In this article, we discuss three specific topics of René Girard's thinking: mimetic theory and desire; the Holy Scripture and the victims of violence; and Christian vocation and reporting of violence. Towards that goal, we defined *Christianity and violence* as our object of study, based on the theory on expiatory sacrifice proposed in *Deceit, Desire and the Novel* and *Violence and the Sacred*; and developed in *Things Hidden since the Foundation of the World* and *I See Satan Fall like Lightning*. Our method involved examining these books to identify their core issues, definitions and linkage of proposed concepts, and the author's hypotheses, developments, and criticism. Girard understands human violence as a disaggregating element of social life, which requires control mechanisms within the scope of religion and the sacred. Girard's theory contributes to the post-secular debate about religion. Girard unveils new discussions between theology and the social and human sciences, offering new clarity to questions regarding the anthropological basis of theology; proposes a new approach to the doctrine of expiation and offers significant interpretations of core biblical texts; regards the Bible as peculiar in its treatment of victims of violence, because it differs from the mythical narrative. In the Scripture, violence and sacrifice are not absolute and do not stem from God; men attribute them to Him. Christian vocation is the concern towards victims of violence and their defense, like Jesus did.

Keywords: Christianity. Violence. Mimetic Theory. René Girard.

Introdução

Cristianismo e violência são temas centrais nas reflexões de René Girard (1923-2015), autor de numerosas produções acadêmicas a partir da crítica literária, da filosofia, da história, da antropologia, da sociologia, dos estudos bíblicos e da teologia. Girard elaborou a *teoria mimética ou imitativa*, segundo a qual o ser humano aprende a direcionar seus desejos imitando os demais. A *mimésis* do desejo desenvolve a linguagem e a cultura, mas é também espaço de produção de violências, pois a imitação do desejo leva a tensões e conflitos nos grupos sociais, desde as comunidades primitivas até as complexas sociedades do mundo contemporâneo.

Girard (2008) frisa que a cultura e a sociedade são fundadas sobre a violência e também que religião é igual à violência: a religião é a forma primordial pela qual a agressão é canalizada na direção de uma vítima para esta ser sacrificada. A religião cristã é essencial no trato da violência. Na Paixão de Jesus, o ciclo da violência é superado pela completa denúncia dele. Esse fato torna a pessoa cristã responsável por denunciar e superar todas as violências. Neste artigo, propomo-nos discutir três tópicos do pensamento de Girard: teoria mimética e desejo; a Sagrada Escritura e as vítimas da violência; ética e vocação cristã. O objetivo é mostrar a contribuição de René Girard para a teologia no tocante à discussão sobre a violência. A metodologia consistiu no exame das obras do autor.

O primeiro tópico apresenta a teoria mimética. O autor analisa como se aprende a desejar mimeticamente e como isso define o ser humano. Também analisa a forma como ele vive em sociedade e lida com a violência e com a experiência do sagrado. O segundo tópico aborda a perspectiva girardiana sobre as Sagradas Escri-

turas, destacando textos que defendem as vítimas dos ciclos miméticos de violência desde o Primeiro Testamento até a vida e a ação de Jesus. No Segundo Testamento, René Girard aponta a rejeição, a denúncia e a superação dos mecanismos violentos dissimulados culturalmente. O terceiro tópico discute a *mimésis* do desejo, a partir da vocação e ação que toda pessoa cristã deve assumir. Explicita que essa deve direcionar seus desejos e ações na imitação da vida e da prática de Jesus, contrária à violação da dignidade humana. Jesus colocou-se ao lado dos violentados, fazendo a vontade de Deus e não a sua.

Teoria mimética e desejo

A *teoria mimética* é uma teoria geral construída por René Girard sobre a forma como o ser humano aprende a direcionar seus desejos por imitação. Girard discute, por primeiro, no livro *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (1961). Nessa obra, o autor propõe o conceito de “desejo triangular” (Eu-Objeto-Outro), a partir da análise de cinco romancistas europeus: Miguel de Cervantes, autor de *Dom Quixote de La Mancha* (1605); Gustave Flaubert, autor de *Madame Bovary* (1857); Henri-Marie Bayle, autor de *A Cartuxa de Parma* (1839) e *O Vermelho e o Negro* (1830); Marcel Proust, autor de *Em Busca do Tempo Perdido* (1913); Fiódor Dostoiévski, autor de *Memórias do Subsolo* (1864), *Crime e Castigo* (1866), *o Idiota* (1869), *os Demônios* (1872) e *Irmãos Karamazov* (1879).

Segundo Girard, esses romances não dissimulam a forma como os personagens direcionam seus desejos e como são dependentes dos outros na condução de suas vontades e também como elegem modelos entre as pessoas. Os autores enfatizam que o lugar do desejo humano é o Outro; é dependente e não é autônomo, por isso o *locus* do desejo não é individual, mas coletivo. À proporção que duas ou mais pessoas desejam o mesmo objeto (mimese do desejo), mais valor e disputa esse objeto suscitará e propiciará violência.

René Girard publicou, em 1972, a obra *A Violência e o Sagrado*. Nela, argumenta que a violência e o sagrado estão na base da sociedade, subjacente ao processo civilizatório, o qual depende de controlar a violência jorrada do mimetismo, que contagia e agrava as disputas na medida em que aumenta o número de pessoas no curto-circuito da rivalidade mimética. A violência precisa de controle para não desintegrar o grupo social e levá-lo a um conflito generalizado. A partir de estudos de grupos sociais primitivos, Girard percebe que eles resolviam as disputas com o sacrifício de uma vítima, que apaziguava as lutas, sobre a qual se lançava a culpa das tensões e dos problemas sociais. As vítimas eram seres com marca de culpabilidade: estrangeiros, prisioneiros, deficientes, dentre outros.

Nesses grupos, as vítimas eram divinizadas na pós-imolação, mas, na pré-imolação, eram culpabilizadas pelos males que atingiam o grupo. Porém, uma vez sacrificadas, tornavam-se sinal de cura desses males. Diante disso, Girard afirma que

a cultura está assentada sobre duas bases: o sagrado e a violência; os sacrifícios são o memorial da fundação da cultura, atualizado em cada imolação de uma vítima.⁴

Para René Girard, a Bíblia faz oposição à violência, joga luzes e aponta para esta, ao contrário das narrativas mitológicas⁵ que favorecem a violência. O Deus bíblico é o defensor das vítimas e é distinto da violência.⁶ Ele e a violência não estão juntos:

A Bíblia rejeita os deuses fundados na violência sacralizada [...] A crítica do mimetismo coletivo é uma crítica de fabricar deuses. O mecanismo vitimário é uma abominação puramente humana. Isso não quer dizer que o divino desaparece ou se enfraquece. A Bíblia é, antes de tudo, descoberta de um divino que não é mais aquele dos ídolos coletivos da violência [...]. O Deus único é aquele que censura aos homens sua violência e que se apieda de suas vítimas, aquele que substitui o sacrifício dos primogênitos pela imolação dos animais, e mais tarde critica até mesmo os sacrifícios animais⁷.

A Bíblia rejeita os deuses ligados à violência, critica a rivalidade mimética e a imolação de vítimas. A tradição judaica questiona o aspecto divino dos sacrifícios rituais nas sociedades primitivas e mostra que a violência recíproca e unânime é uma aberração dos seres humanos. Iahweh é a divindade que liberta do ciclo da violência e não é controlado pelas formas sacrificiais-rituais. O judaísmo foi, então, desde o princípio, a recusa absoluta de “criar deuses”, de imolar vítimas e divinizá-las depois. No judaísmo, Deus nada tem a ver com nenhum ato de vitimar e, deste modo, as vítimas deixam de ser divinas.⁸

Antes de empreender a análise dos textos bíblicos sobre a perspectiva dos ciclos miméticos de violência, no livro *Coisas Ocultas desde a Fundação do Mundo* (1978)⁹, Girard propôs uma teoria sobre a cultura, afirmando que há um princípio comum na maioria dos modelos culturais: o sacrifício de uma vítima. Ele centraliza seus argumentos no que considera o elemento central das civilizações: a violência,

⁴ A linguagem, a forma primordial de troca, também é uma maneira de solucionar conflitos e suspender a violência sem se recorrer ao mecanismo vitimário. Quase uma década depois da publicação de *A Violência e o Sagrado*, Eric Gans, aluno de Girard, publicou *The Origin of Language*, no qual se confrontava com algumas das teorias de seu professor, e argumentava que é a linguagem, e não a violência, o que propicia a cultura e termina por definir o humano. (ANDRADE, Gabriel. *René Girard um Retrato Intelectual*. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 208).

⁵ Os mitos invertem sistematicamente a verdade. Eles inocentam os perseguidores e condenam as vítimas. São sempre enganosos, pois eles próprios estão enganados e diferentemente dos discípulos de Emaús após a ressurreição, nada nem *ninguém* vem esclarecê-los (GIRARD, René. *Eu via Satanás cair como um relâmpago*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2012. p. 20).

⁶ No mito, as expulsões do herói são sempre justificadas. No relato bíblico elas nunca são. A violência coletiva é injustificável (GIRARD, 2012, p. 162).

⁷ GIRARD, 2012, p. 175-176.

⁸ GIRARD, René; ANTONELLO, Pierpaolo; ROCHA, João Cezar de Castro. *Evolução e Conversão*. Trad. Bluma Waddington Vilar e Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2008. p. 217.

⁹ “*Coisas Ocultas desde a Fundação do Mundo* aparece como a culminação de um sistema coerente que integra uma teoria psicológica do desejo, uma teoria antropológica sobre as origens culturais e uma filosofia cristã apologética. A partir de então, os escritos de Girard estariam dedicados ao refinamento de sua apologia cristã” (ANDRADE, 2011, p. 306).

sendo essa a ação fundante junto com o sagrado (mitos e rituais de sacrifício). A obra *Violência e o Sagrado* (1972), escrita em forma de ensaio, reúne a análise de diversas culturas primitivas e sinaliza como uma tem relação com a outra e com as estruturas culturais modernas. Esse processo de interpretar e mostrar as semelhanças culturais fundamenta a formulação de uma explicação sobre a gênese da cultura, cria um modo de ler e interpretar a literatura de diferentes culturas a fim de encontrar pontos comuns entre elas. A partir disso, Girard formula uma *teoria cultural*, ao apresentar elementos como o desejo triangular, a rivalidade entre os personagens dos mitos e os ritos sacrificiais.¹⁰

Deste modo, Girard entende que a cultura é fundada no *assassinato coletivo*.¹¹ Para ele, os textos míticos enfatizam algo que aconteceu uma *primeira vez*, como um ato que cria uma organização social, testemunhando um acontecimento importante. Os ritos sacrificiais encenam um ato de imolação passado, repetido ritualmente, como um momento que marcou o início de um grupo, de um culto, de uma forma de conduzir uma sociedade, entre outros.

O *assassinato coletivo/fundador* é base das proibições e rituais, assim nasce a cultura.¹² As culturas são fundadas em um assassinato e historicamente são refundadas via ritos sacrificiais e mecanismos de vitimização e eleição de *bodes expiatórios*.¹³ O bode expiatório é a vítima escolhida para o sacrifício, aquele sobre o qual recai toda a culpa da desagregação do grupo, de um mal que sobrevém à comunidade. As crises da atualidade também desenvolvem mecanismos de dissimulação da violência. Hoje há formas de eleição das vítimas para servirem como bodes expiatórios. Isso ocorre quando um grupo é apontado como responsável por um mal social, quando há mortes em nome do fanatismo religioso, xenofobia, massacres, expulsões de grupos étnicos, terrorismo, invasão de culturas e soberanias.

Sagrada Escritura e as vítimas da violência

Na perspectiva de Girard, os mitos escondem a lógica da rivalidade mimética, o contágio e o arrebatamento que a violência provoca sobre a coletividade. Esses registram as formas cultural-religiosas das comunidades primitivas, em permanente ciclo de violência, de convencer que há um culpado pelos problemas do grupo, e que ele deve ser responsabilizado e punido.

¹⁰ Contudo, para críticos de Girard, a obra *A Violência e o Sagrado* apresenta, mas não formaliza, uma teoria cultural (ANDRADE. 2011, p. 212).

¹¹ GIRARD, René. *A Violência e o Sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1990. p. 120.

¹² Entre a animalidade propriamente dita e a humanidade em devir, há uma verdadeira ruptura e essa é a ruptura do assassinato coletivo, único capaz de garantir organizações fundadas sobre interditos e rituais, por mais embrionários que sejam. (GIRARD, René. *Coisas Ocultas desde a Fundação do Mundo*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2008. p. 122.)

¹³ René Girard publicou em 1982 o livro *Le Bouc émissaire* (O Bode Expiatório).

Diante disso, para Girard, a Sagrada Escritura é peculiar no tratamento das vítimas da violência, diferentemente das narrativas míticas.¹⁴ Ao contrário dessas, a Bíblia não esconde, não escamoteia a violência e não é justificada: a vítima, mesmo acusada e sofrendo violências, é defendida, a imolação de seres humanos é proibida e o sacrifício de animais criticado. O autor reconhece que a violência faz-se presente também na literatura bíblica, mas seus autores não a dissimulam, pois ela é identificada e denunciada. As vítimas não são culpadas definitivamente, e as marcas do assassinato fundador também são destacadas. Para Girard, textos como: Caim e Abel (Gn 4.8-16), o sacrifício de Isaque (Gn 22), José do Egito (Gn 37-50), a saída dos hebreus do Egito (Êx 6-15), o decálogo (Êx 20.1-17), o livro do Levítico (Lv 16.1-8; 19.18), os profetas Isaías (Is 1.11-16; 40-60; 53), Jeremias (Jr 2.2-3; 6.20), Oseias (Os 2.16-17; 6.6; 9.4,10), Amós (Am 5.21-25; 6.25), Miqueias (Mq 6.7-8) o livro de Jô e os Salmos explicitam a abordagem bíblica do tema da violência e das vítimas.

O texto de Caim e Abel mostra os aspectos sangrentos da fundação da cultura. Nele, encontra-se um indício do assassinato fundador. Caim é marcado por Deus, para que ninguém o mate (Gn 4.15), assim a vingança é proibida por Deus para que não haja mais violência. Caim fundará uma cidade (Gn 4.17). É a alusão à formação de uma cultura. O sacrifício de Isaque remete ao roteiro dos sacrifícios humanos (Gn 22.2-10) nas religiões primitivas, das quais Abraão ainda estava sob influência. O fato de Deus interromper a realização do sacrifício destaca que ele não compactua com essa forma de adoração violenta. José do Egito é um dos exemplos mais densos do ciclo de violência. Ele é uma vítima acusada pelos irmãos que querem matá-lo, mas um deles, Judá, o salva, colocando-o na cisterna. Os irmãos o vendem como escravo, seu dono tem consideração por ele, mas manda-o para a prisão sob acusação de tentar abusar de sua esposa. Mesmo preso, José torna-se querido pelos colegas, pois é atencioso e cuida dos demais. Ele interpreta sonhos, por isso é recomendado ao faraó, ganha seu favor e torna-se governador do Egito. Reencontra-se com seus irmãos, que procuravam alimento no Egito. José ensaia uma vingança e dá a eles uma missão para testá-los, mas decide perdôá-los, revela sua identidade e reconcilia-se com eles.

A história de José é uma demonstração do cuidado que a Sagrada Escritura tem para com as vítimas. José é acusado e defendido, sofre expulsão e prisão, mas é considerado e amado pelos que estão próximos. Também recebe reconhecimento da suprema autoridade egípcia e, ao se encontrar com os irmãos, mesmo tentado a imitar seus algozes, não replica a violência, perdoa-os. No final da história, José não é divinizado como as vítimas imoladas.

A saída dos hebreus do Egito é a libertação de um povo explorado, vítima portanto. Mesmo sendo chamados por Deus a sair da escravidão, pela liderança de Moisés, os hebreus são expulsos pelo faraó, após o advento das pragas, ou seja, mesmo permitida a saída, há um caráter de expulsão e o aspecto sacrificial aparece na morte dos primogênitos. O decálogo, no sentido da organização social e política do povo

¹⁴ René Girard apresenta a peculiaridade da Sagrada Escritura nos capítulos IX: Singularidade da Bíblia e X: Singularidade dos Evangelhos do livro *Eu via Satanás cair como um relâmpago* (2012).

hebreu em peregrinação pelo deserto, na perspectiva girardiana é a tentativa legal para a contenção da violência, principalmente, entre o sexto e o décimo mandamentos. Do sexto ao nono mandamentos estão proibidas atitudes (matar, adulterar, roubar e mentir) que geram desagregação e violência no grupo. O décimo mandamento é, por sua vez, a proibição de desejar o que é do outro, a casa, a mulher, os bens, para evitar a crise mimética e os ciclos de violência.

No livro do Levítico (Lv 16.1ss), temos o dia das *expições* e a figura do *bode expiatório*. Dois bodes eram levados à porta da tenda e lançada sorte sobre eles. Um deles era sacrificado a Iahweh e outro é o bode emissário (Lv 16.7-8), o bode de *Azazel* (demônio do deserto): “Depois, o sacerdote punha as mãos sobre o bode destinado a Azazel, confessando os pecados de Israel: simbolicamente carregado com as culpas do povo, o bode é expulso para o deserto”¹⁵.

Nos textos dos profetas, a oposição ao sacrifício faz-se presente em Isaías (Is 1.11-16), Jeremias (Jr 6.20), Oseias (Os 6.6; 9.4), Amós (Am 5.21-25) e Miqueias (Mq 6.7-8). Esses profetas não apenas se opõem aos sacrifícios, como também argumentam, indicando a decadência dessa prática. Os profetas relembram a aliança do povo com Deus, revelando que houve momentos, como na travessia do deserto, em que, pela própria condição de manutenção dos rebanhos, os sacrifícios eram menos importantes ou nem sequer realizados (Am 6.25; Os 2.16-17; 9.10; Jr 2.2-3). O repúdio dos profetas aos sacrifícios está relacionado com a percepção da escalada de ritos sacrificiais, das necessidades de imolações e a expansão da prática dos ritos de sacrifício. Isso é explicitado no capítulo 6 de Miqueias, quando ele se refere tanto ao sacrifício de animais como ao de crianças. Para Girard, quando os profetas rejeitam os sacrifícios e sua multiplicação, estão denunciando que a violência recíproca está em plena atividade.¹⁶ Deste modo, surgem as exortações proféticas de que Deus pede justiça, bondade e humildade e não sacrifícios. O profetismo luta para retomar o sentido da lei: amar ao próximo (Lv 19.18).

Na interpretação de René Girard, os profetas são agentes de denúncia da violência e, em seus discursos, ela é desnudada, trazida à luz e desmascarada, como, por exemplo, no texto do servo sofredor¹⁷, do segundo bloco do livro de Isaías (Is 40-66). Os versos 8 e 9 do capítulo 53 de Isaías são centrais sobre a inocência da vítima; julgado, condenado e impedido de viver, pelos pecados do grupo, é o servo machucado, morto e sepultado em meio aos ímpios. A morte dele é colocada entre os que fazem o mal, mas ele mesmo não fez mal algum, nem mentiu: *Embora nunca tenha praticado o mal, e sua boca nunca tenha proferido uma mentira* (Is 53.9). Ou seja, mesmo inocente, foi condenado e sofreu a penalidade, e mais, há no próprio texto bíblico um destaque de que a responsabilidade pela condenação é dos seres humanos e não de Deus: *E nós o tínhamos como castigado, ferido por Deus e humilhado* (Is 53.4). Isso mostra que, no Primeiro Testamento, estão presentes relatos dramáticos que narram a

¹⁵ MCKENZIE, John L. Dia das Expições. In: *Dicionário Bíblico*. Trad. Álvaro Cunha et al. São Paulo: Paulus, 1983. p. 302.

¹⁶ GIRARD, 2008, p. 197.

¹⁷ GIRARD, 2008, p. 196.

perseguição e a condenação de uma vítima, assim como aconteceu com Jesus no Segundo Testamento, mas a inocência dela é revelada, como vimos na história de José. Se esse texto fosse mítico, a conclusão da narrativa daria razão aos irmãos de José e justificaria sua expulsão da família. No mesmo sentido, seriam diferentes os argumentos e as conclusões das narrativas sobre o servo sofredor e Jó.¹⁸

Neste sentido, Deus não é responsável pela violência. O Primeiro Testamento questiona e relativiza as acusações contra as vítimas, apontando para a forma obsessiva que marca a histeria coletiva dos agrupamentos humanos contra os que são apontados como culpados e transformados em vítimas, bem explicitado no livro de Jó.¹⁹ Contudo, é no Segundo Testamento, em Jesus, que o ciclo mimético da violência aparece mais claramente, e a superação desse é apontada nos evangelhos.

Para Girard, no Segundo Testamento é onde está o ponto culminante de denúncia e destruição do mecanismo sacrificial, expresso na Paixão de Jesus narrada pelos evangelistas (Mt 27; Mc 15; Lc 23; Jo 19). No cristianismo, é revelado, de forma clara e precisa²⁰, o mecanismo vitimário. Jesus é a vítima que aponta para o ciclo mimético de violência. A condenação dele é uma sequência persecutória, unanimidade violenta, e não aceitação de suas palavras e ações, ignoradas propositalmente pelas autoridades e pelo povo, que representa nos episódios do julgamento de Jesus o mimetismo na reprodução da acusação e direcionamento de uma violência unânime. Em Jesus Cristo, no relato de sua morte e ressurreição, encontra-se a realização plena da quebra do ciclo mimético de violência, pois na cruz está a vítima inocente que não traz unanimidade sobre a sua imolação, mas dúvidas, uma vez que três dias após morrer ressuscita, provoca uma movimentação entre os que o seguiram. As mulheres anunciam que ele está vivo e os discípulos experimentam em diferentes momentos sua presença (Mt 28; Mc 16; Lc 24; Jo 20-21). Ademais, as autoridades produzem um discurso para justificar a ausência de seu corpo.

A partir da Sagrada Escritura, Girard enfatiza a importância da defesa da vítima como marca fundante do cristianismo. Na sua hermenêutica bíblica, destaca três etapas do ciclo mimético da violência: a crise mimética, a morte coletiva da vítima e a epifania religiosa. Esse ciclo não é obscurecido pelos autores bíblicos, mas é denunciado. A vítima não é culpabilizada em definitivo, mas sofre condenações, e sua inocência é destacada. Nas Escrituras, a violência e o sacrifício não são absolutos, são mecanismos culturalmente construídos e ritualmente repetidos, e não vêm de Deus. São as pessoas que atribuem a ele.

¹⁸ GIRARD; ANTONELLO; ROCHA, 2008, p. 224.

¹⁹ Girard desenvolveu uma ampla reflexão sobre o livro de Jó, apresentando-o como a vítima acusada pelos que estão próximos a ele no livro *La Route Antique des Hommes Pervers* (A rota antiga dos homens perversos), publicado em 1985 em Paris pela Grasset e traduzido para o português em 2009, publicado pela Paulus Editora.

²⁰ Tal como Platão, Girard chega a considerar que é preciso conhecimento para deixar de agir de acordo com o “mal” e interromper a violência propiciatória. Para dizer a verdade, para deixar de exercer violência propiciatória, necessita-se de muito mais que o mero conhecimento: necessita-se de uma vontade que permita ao ser humano afastar-se do mal, mesmo depois de ter conhecido seu funcionamento (ANDRADE, 2011, p. 306).

Existem críticas a Girard sobre a insistência no caráter distintivo da Sagrada Escritura, e muitos estudiosos não concordam com a sobreposição da Bíblia a outros textos religiosos na defesa da vítima. Para eles, é difícil afirmar a exclusividade dos textos bíblicos na revelação do mecanismo vitimário.

Mais ainda, ao menos no caso do Antigo Testamento, para cada vítima reivindicada e defendida, aparecem dezenas condenadas pelo texto. Girard tem consciência de que o texto bíblico é às vezes contraditório, mas afirma que as histórias que condenam vítimas e apresentam um Deus violento são “marginais” e de importância secundária com relação ao espírito generalizado de defesa das vítimas, ficando, assim, com as passagens que mais se amoldam a sua tese.²¹

O próprio Girard procurou não polemizar com os biblistas, o que não é de fácil superação para os que aplicam a leitura girardiana à Sagrada Escritura. Já sobre os especialistas na comparação entre diferentes religiões, os quais muitas vezes encontraram semelhanças entre textos míticos e texto bíblico, Girard afirmou que, na verdade, esses não se atentaram para as diferenças reais.²²

Vocação cristã e denúncia da violência

Na perspectiva girardiana dos textos bíblicos, o ciclo mimético da violência aparece, também, na literatura bíblica, mas as vítimas são defendidas e a violência é separada da ação e da vontade de Deus. Isso não exclui, entretanto, a presença da violência na história do povo de Israel e na história da igreja. Para Girard, apesar disso, é a fé cristã que trouxe humanismo e consciência para uma oposição essencial entre o Deus de Israel, encarnado em Jesus, e os mecanismos de violência.²³

Segundo Girard, é agora ou nunca mais que devemos ouvir o clamor das vítimas. É preciso que nasçam um novo dever e um novo agir da humanidade diante dos terríveis ciclos de violência próximos a nós, como os genocídios contemporâneos.²⁴ A religião cristã deve realizar sua autocrítica e assumir integralmente a defesa das vítimas, os bodes expiatórios da atualidade. De acordo com Girard, mesmo que a assimilação na prática dos cristãos, diante dos injustiçados da história, seja lenta, o que importa é o resgate do princípio: *a centralidade da defesa da vítima*.

Jesus aponta para a violência e para a denúncia quebrando, assim, o mecanismo vitimário. Ele, pela sua livre entrega na cruz, conscientiza os seus e toda a huma-

²¹ ANDRADE, 2011, p. 300.

²² ASSMANN, Hugo. *René Girard com teólogos da libertação: um diálogo sobre ídolos e sacrifícios*. Petrópolis: Vozes; Piracicaba: UNIMEP, 1991. p. 105.

²³ René Girard desenvolve a ideia da contribuição cristã para o desenvolvimento do humanismo no capítulo XIII: *O cuidado moderno com as vítimas*, no livro *Eu via Satanás cair como um relâmpago* (2012).

²⁴ Lembremos as guerras e massacres que dizimaram milhões de seres humanos no século XX, por exemplo: Alemanha 1933-1945, Armênia 1915-1917, Burundi 1972, Camboja 1975-1979, Crimeia e Volga 1941, Curdistão 1919-1999, Ex-Iugoslávia 1991-1996, Hereros 1904, Indonésia 1965, Síria 2011, Ruanda 1994, Timor 1975-1979, Ucrânia 1932-1933 etc.

nidade de que a vítima imolada não é culpada, simultaneamente a sua crucificação. Cristo mostra que a sua morte é devida à ignorância dos que o acusam. O motivo de sua condenação não é porque sua mensagem trouxe desagregação, mas porque reuniu suas ações em favor das pessoas, trazendo cura, libertação, acolhimento, respeito e partilha de bens individuais. Sua imolação foi injusta e violenta. Fizeram com ele o mesmo que fizeram com aqueles que se opuseram à violência e apontaram para os algozes (os profetas). Mas a morte de Jesus jogou luzes sobre a violência dissimulada, e aos seus autores virá a justiça de Deus:

Ai de vós, que edificais os túmulos dos profetas, enquanto foram vossos pais que os mataram! Assim, vós sois testemunhas e aprovais os atos de vossos pais: **eles** mataram e **vós** edificais! Eis porque a Sabedoria de Deus disse: Eu lhes enviarei profetas e apóstolos; eles matarão e perseguirão alguns deles, a fim de que se peçam contas a esta geração do sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que pereceu entre o altar e o Santuário. Sim, digo-vos, serão pedidas contas a esta geração! (Lc 11.47-51).

Jesus faz uma advertência aos fariseus e escribas por construírem sepulturas honrosas aos profetas que seus antepassados mataram, acusando-os e perseguindo-os, para justificar seus assassinatos. Ele aponta para a continuação do “ritual” do assassinato fundador na perseguição e morte dos profetas, que edificaram túmulos, aprovando a ciclo mimético de violência. Jesus revela, segundo Girard, a dinâmica própria da cultura humana.²⁵

Nos evangelhos, Jesus defende os pobres e excluídos, que são vítimas das estruturas sociais injustas fundadas sobre mecanismos de violência. A fé cristã tem sua base na preocupação com as vítimas e os injustiçados da história. Mas Cristo foi além das rivalidades miméticas. Os critérios para o acesso ao reino de Deus, que são exigidos da humanidade pelo evangelho, passam pela sensibilidade e a ação para com as vítimas da sociedade: os pequeninos, excluídos e sofridos, como está em Mateus, sobre o juízo final (Mt 25.34-40). Assumir o cuidado com as vítimas é começar por não se satisfazer com o passado de violências e criar meios para não repeti-lo, operando pela lógica da ovelha perdida.²⁶

Girard lista os fatos históricos que permitem identificar formas de cuidado moderno com as vítimas. Há muitos séculos temos o desenvolvimento do direito (privado e público), a formulação das leis penais com a devida aplicação judiciária, as declarações de direitos. Mais próximo a nosso contexto, temos a supressão da escravatura, as legislações específicas de proteção à criança e à mulher, ao idoso e ao estrangeiro. Há também os numerosos organismos de combate à miséria, as organizações médicas internacionais, a conscientização sobre a pessoa deficiente, entre outras tantas iniciativas de promoção humana. Tudo isso representa um processo de reabilitação da vítima, de iluminação daqueles que, até há pouco, figuravam como os bodes expiatórios

²⁵ GIRARD, 2008, p. 207.

²⁶ GIRARD, 2012, p. 235.

da humanidade.²⁷ A Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, evidencia o entendimento de algo essencial: universalmente é fato que pessoas ou grupo de pessoas estão sujeitos a ser vítimas, bodes expiatórios de suas próprias sociedades.²⁸

Deste modo, o ciclo mimético da violência impõe aos que desejam seguir a Cristo o desafio fundamental de universalizar a prática da compaixão e da misericórdia. O ser humano tem, hoje, o desafio de jogar luz sobre ciclos de violência que ainda estão nas sombras. À pessoa cristã cabe apontar para a violência e para além dela um outro horizonte: a misericórdia. Para a humanidade, é urgente frear as escaladas de violência. A forma como lidamos com as rivalidades modernas e contemporâneas exige uma intervenção na escalada da violência, ou continuar-se-á realizando ritos sacrificiais de vítimas até que não haja mais nem vítimas nem algozes. É, portanto, indispensável reconhecer e assumir o caráter mimético das relações humanas em diferentes âmbitos e suas tendências violentas, antes que a guerra sem fim se instale.²⁹ Para tanto, a mensagem cristã da misericórdia é o ponto teórico e prático que o cristianismo nos oferece.

No ano de 2016, o papa Francisco, por meio da Bula *Misericordie Vultus*, proclamando o Jubileu extraordinário da Misericórdia, destaca a necessidade de “contemplar o mistério da misericórdia”, é dela que temos paz, serenidade e alegria.³⁰ Mediante as palavras do papa, para a reflexão teológica, é essencial redirecionar o ser religioso cristão para além dos dogmas e das instituições. É preciso olhar para a vitória de Jesus na cruz sobre o mecanismo sacrificial da violência, e o seguimento de Jesus é ser a imitação dessa vitória. Isso é seguir a *religião da cruz*.³¹ Jesus, em seu ministério, age com amor para com os excluídos, vítimas da sociedade, coloca-se ao lado deles e enfrenta sem medo os algozes da cultura de sua época (religião institucional e o poder político-econômico), animado pelo espírito de Deus Pai. Em sua imolação, Jesus enfrenta, pelo Espírito de Deus que habita nele e pelo seu amor às criaturas, os seus acusadores e executores, indo além da vingança e do ressentimento, mas numa entrega que perdoa os que o sacrificam, para denunciar e iluminar a rivalidade mimética e os ciclos de violência, como escreve Mendoza-Álvarez:

Com efeito, se Jesus de Nazaré foi capaz de enfrentar o mecanismo mimético, é porque ele foi habitado por uma força que, mesmo no momento de sua agonia, o fez capaz de doar-se [...], como responsável pela comunidade messiânica. Portanto enfatizamos

²⁷ GIRARD, 2012, p. 236.

²⁸ GIRARD, 2012, p. 238.

²⁹ Aqueles que tomam posição ao lado das incontáveis vítimas, em seu esforço de revelar a violência real e resistir a seu dinamismo inexorável, muitas vezes não conseguem sair da espiral da violência e sua contraviolência fica presa à mesma lógica. Girard, às vezes, parece escamotear a atualidade crucial da violência mediante a insistência sobre o poder antimitico dos textos bíblicos, ilegítimos de qualquer processo vitimário (ASSMANN, 1991, p. 103).

³⁰ PAPA FRANCISCO. *Misericordie Vultus*, Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html>. Acesso em: 20 fev. 2019.

³¹ GIRARD, 2012.

que o dom do Espírito que Jesus recebeu na cruz é a antecipação messiânica do tempo escatológico que se dá no presente de uma vida doada por amor³².

O cristianismo³³, obrigatoriamente, precisa trazer sentido concreto de valorização e defesa da vida, contra toda injustiça e violência: “Se o cristianismo, hoje, tem algo para dizer à humanidade [perturbada pela incerteza e pela violência sistêmica] é que a verdade da vida se doa no seu último suspiro na aposta de um presente onde todos nos encontraremos”³⁴.

O fato é que o ser humano é violento, mas não condenado à violência com seu fim catastrófico. Nisso temos uma distinção fundamental entre Girard e Thomas Hobbes, por exemplo, o homem é violento, mas não por natureza. A violência é a resposta à incapacidade de convivência plena, situação que pode ser superada, e em Jesus há essa missão. Com ele, segundo Girard, entramos na maturidade, pois quanto mais nos aproximamos de uma destruição expressa pelos ciclos de violência³⁵, mais nos aproximamos do reino de Deus.³⁶

A violência, então, não é um estigma da sociedade contemporânea. Ela acompanha o ser humano desde tempos imemoriais, mas, a cada tempo, manifesta-se de formas e em circunstâncias diferentes. Hoje, sob um conceito amplo de violência (que inclui diferenças sociais, econômicas etc.) ainda é possível perceber as etapas do ciclo mimético: crise, vitimização e sacrifícios. A violência que, para Girard, o cristianismo superou vem da crise mimética. O cristianismo é a superação da violência, porque ela é evidenciada e denunciada na cruz. Na cruz superou-se a violência, como fundamento das culturas.

Considerações finais

Para Girard, a coletividade do desejo coloca em evidência seu caráter imitativo e o espaço para conflito e violência, a qual, nas relações humanas, é obscurecida pelas

³² MENDOZA-ALVAREZ, Carlos. El papel de la existencia kairológica como crítica al sistema hegemónico y a la violencia global. In: VITÓRIO, Jaldemir; GODOY, Manuel (Orgs.). *Tempos do Espírito, inspiração e discernimento*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 34.

³³ O cristianismo que Girard defende é de resistência. “[...] Girard resistiu ao espírito individualista que deu a pauta da vida cultural e acadêmica na América do Norte, [...]. Fazendo eco a Dostoiévski, advertiu sobre os perigos que se derivam da ilusão de nos julgarmos indivíduos autônomos. [...] A teoria do desejo de Girard é uma bofetada numa das mais fortes convicções do Ocidente: a pretensa autonomia do ‘eu’ e da escolha dos desejos” (ANDRADE, 2011, p. 500).

³⁴ MENDOZA-ÁLVAREZ, 2016, p. 39.

³⁵ O problema real é como enfrentar a violência tão real na evolução humana e no mundo atual. Sabe-se que Girard foi invocado, frequentemente, pelos defensores da não violência radical, como postura e como forma de atuação no mundo conflitivo que nos cerca. Esse profetismo radical diz muito sobre as inegáveis exigências da dimensão utópica da fé cristã. A pergunta é se é suficiente como guia para a ação concreta num mundo onde predomina as lógicas da exclusão e onde nos falta muito para entender porque tais lógicas sacrificiais conseguem apresentar-se como solução messiânica para o bem de todos, ainda que as vítimas sacrificadas sejam tantas (ASSMANN, 1991, p. 103).

³⁶ ANDRADE, 2011, p.501

religiões arcaicas via ritos sagrados, narrados nos mitos. A sacralidade do discurso pelos mitos busca apaziguar a violência deslocando-a para a unanimidade violenta administrada pelos ritos sacrificiais e pela escolha de uma vítima para imolação.

Na Sagrada Escritura, temos outra finalidade: seus textos iluminam e apontam a violência escamoteada na mitologia. A peculiaridade da Escritura é a defesa da vítima, a violência não é obscurecida, mas denunciada e a vítima não é culpabilizada. Mesmo sendo acusada, a inocência da vítima é evidenciada, como mostra a narrativa de José do Egito. No Segundo Testamento, Jesus revela claramente, nos relatos da Paixão, a origem da humanidade assentada no mecanismo sacrificial. Revelar a violência presente nos ritos sagrados e nas narrativas míticas significa, segundo Girard, destruí-la.³⁷

A crucificação de Jesus é o momento máximo de denúncia do ciclo mimético de violência. “Cristo fez vir à luz aquilo que permanecera ‘oculto desde a fundação do mundo’, ou, em outras palavras, a própria fundação, o assassinato unânime que apareceu à plena luz do dia pela primeira vez na Cruz”³⁸. O cristianismo revela o assassinato fundador e destrói a ignorância e as superstições essenciais às religiões arcaicas, possibilitando assim desenvolver um saber nunca antes imaginado.³⁹ Para Girard, a tarefa dos cristãos, agora, é a defesa incondicional das vítimas. Como pessoas cristãs, é preciso nos libertar das “muletas sacrificiais” para nos tornar responsáveis pelo próprio destino e o destino da “humanidade” do outro. Jesus realiza o objetivo atribuído por Deus à humanidade: ele cumpre esse objetivo pela sua encarnação, pela sua presença entre as pessoas, pelas suas atitudes e, sobretudo pela sua morte na cruz, que é um ato de suprema obediência, misericórdia e não violência. Na cruz, Cristo revela-nos uma divindade não violenta que se torna vítima, e não o Deus violento das religiões arcaicas.

Girard contribui para uma teologia contrária ao marcionismo, do século II d.C., que defendia a rejeição ao Primeiro Testamento. Para o autor, Marcião apresentava um Deus severo, cruel e violento. Girard, como vimos, afirma a unidade dos dois Testamentos e identifica, já no Primeiro, um Deus defensor dos vitimados. E assegura que a Escritura, desde seu primeiro texto canônico, se distancia da violência.⁴⁰

Referências

- ANDRADE, Gabriel. *René Girard: um retrato intelectual*. Trad. Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2011.
- ASSMANN, Hugo. *René Girard com teólogos da libertação: um diálogo sobre ídolos e sacrifícios*. Petrópolis: Vozes; Piracicaba: UNIMEP, 1991.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição, revista. São Paulo: Paulus, 1985.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Editora Universidade Estadual de São Paulo, 1990.

³⁷ GIRARD, René. *Rematar Clausewitz: além da Guerra*. Diálogos com Benoît Chantre. René Girard. Trad. Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 23-24.

³⁸ GIRARD, 2011, p. 27.

³⁹ GIRARD, 2011, p. 27.

⁴⁰ GIRARD, 2011, p. 506-507.

- GIRARD, René. *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- _____. *Eu via Satanás cair como um relâmpago*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- _____. *Mentira romântica e verdade romanesca*. Trad. Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É Realizações, 2009.
- _____. *O Bode Expiatório*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.
- _____. *Rematar Clausewitz: além da Guerra*. Diálogos com Benoît Chantre. René Girard. Trad. Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2011.
- GIRARD, René; ANTONELLO, Pierpaolo; ROCHA, João Cezar de Castro. *Evolução e Conversão*. Trad. Bluma Waddington Vilar e Pedro Sette-Câmara. São Paulo: É Realizações, 2008.
- McKENZIE, John L. Dias das Expições. In: *Dicionário Bíblico*. Trad. Álvaro Cunha et al. São Paulo: Paulus, 1983.
- MENDOZA-ALVAREZ, Carlos. El papel de la existencia kairológica como crítica al sistema hegemónico y a la violencia global. In: VITÓRIO, Jaldemir; GODOY, Manuel (Orgs.). *Tempos do Espírito, inspiração e discernimento*. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2016.
- PAPA FRANCISCO. *Misericordie Vultus*, Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- SBARDELLA, Elton Luis. *A violência na perspectiva de René Girard: o ciclo mimético nos textos da Sagrada Escritura*. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2016.